



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

MARIA ISABEL BARROSO SALGADO

(depoimento)

2015

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Maria Isabel Barroso Salgado

Entrevistador: Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

Local da entrevista: Residência da entrevistada, Gávea, Rio de Janeiro, RJ

Data da entrevista: 03/09/2014 e 22/11/2014

Processamento da Entrevista: Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

Páginas Digitadas: 23 páginas

Número da entrevista: E-586

Data da autorização para publicação no Repositório: 22/11/2014

Revisão para inserção no Repositório: Isabela Lisboa Berté e Silvana Vilodre Goellner

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares intitulada *Mulheres em Manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em maio de 2015.

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.</p>

SUMÁRIO

Iniciação no esporte; Trajetória esportiva; Geração do vôlei da década de 1980; Apoio da família; Articulação entre carreira e vida pessoal; Percepções em torno do corpo atlético; Rotina de treinamento; Diferenças entre o vôlei masculino e feminino; Influência da geração de 1980 para o vôlei brasileiro; Legado do vôlei na sua vida.

M.T. – Isabel, o que te levou ao voleibol?

I.S. – Olha, eu venho de uma família que não era ligada em esporte, mas eu, de alguma maneira, sempre gostei da competição, assim, as poucas oportunidades que eu tive na minha primeira infância de lidar com essa sensação eu já gostava. Uma vez, numa entrevista, sem me dar conta, comecei a me lembrar que meu pai me levava para entrar no mar, quando eu era muito pequena com ele, em dias que o mar estava mais pesado e aquela foi a primeira relação com a adrenalina, assim, aquela sensação do medo que é tão presente também dentro do esporte e pode ser tão divertida para alguns; e para mim era. Então, eu estudava no Colégio Notre Dame, que era um colégio de meninas só. O esporte que se praticava era o vôlei. O Enio Figueiredo fazia um trabalho já, que a gente tinha um ginásio no último andar, que era um ginásio muito bom para a época, assim, o espaço físico era muito legal na escola e eu estava doida para passar de ano porque aí eu passaria a estudar num turno que seria pela manhã e com isso eu poderia frequentar a escolinha de vôlei que era na parte da tarde. Então, entrei pra escolinha sem nenhuma pretensão de um dia virar uma atleta, porque eu nem sabia como é que era. Eu não tinha noção e eu tenho, nós somos quatro irmãs, a atmosfera na minha casa era de muitas mulheres e só um homem que era o meu pai e nós tínhamos muito poder até. Não éramos subjugadas ou oprimidas, nada disso, mas eu não tinha essa brincadeira com bola, não tinha, em casa. Em casa eram outras atividades assim. Então, quando eu pude entrar numa escolinha eu adorei, de vôlei, eu adorei, eu adorei. Eu acho que eu sempre gostei de esporte e por sorte caí num esporte que tinha muito a ver comigo. Eu tinha um biótipo bom, era magra, alta. Já com meus 11 anos você já podia perceber que eu tinha um biótipo bom para a modalidade. Mas, eu não sabia disso, nem ninguém na minha casa comentava nada e o esporte também estava começando a acontecer e principalmente no feminino em qualquer modalidade. Aí, eu fui para essa escolinha de vôlei no colégio e logo em seguida o Enio me chamou para formar a primeira equipe do Flamengo mirim. Aí foi incrível porque meu mundo assim ia crescer muito.

M.T. – Isabel, você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?

I.S. – Olha, eu tive contato com natação. Quando eu era ainda muito menina, a minha mãe me botou pra nadar, como todas as mães querem que as filhas saibam sobreviver dentro de uma

piscina, mas até aquilo ali eu adorava também. Eu gostava, eu gostava da hora da prova, assim e eu não vivi nada disso porque era uma escolinha. Mas, quando o cara já iniciava qualquer competição, aquilo ali já me atraía mais. Eu nadava muito mal, não nadava nada bem e foi uma experiência sem profundidade, sem nenhuma pretensão e nenhuma exigência maior. Era uma escolinha para aprender a sobreviver dentro d'água. Mas, eu já sabia nadar, então eu ia aprendendo a nadar crawl, um pouquinho. Ter um pouco mais de desenvoltura na água; nunca tive. Eu sempre gostei de mar e não era muito de piscina.

M.T. – E quando você começou a jogar e por qual clube?

I.S. – Eu comecei a jogar com 11 anos, na escolinha do Notre Dame, minha escola e com 12 anos eu fui para o Flamengo.

M.T. – E com quem você começou a jogar?

I.S. – Eu comecei a jogar com o Enio Figueiredo. Ele tinha uma relação muito paternal também com as meninas, porque nós éramos muito novas. Eu pelo menos, a minha mãe era muito rigorosa com segurança, com essas questões: “Menina não faz isso, menina não pode isso, menina não pode aquilo”. Eu não podia andar sozinha ainda. Eu era muito nova. Apesar de o Rio ser outro Rio naquela época, eu ainda não podia andar sozinha. Então, ela deixava porque o Enio passava e recolhia todas as meninas que moravam em Ipanema e Leblon para poder treinar e dava carona para todo mundo. Eu não podia andar de ônibus, eu não podia andar de ônibus sozinha. Mas, mesmo com todo aquele início ainda controlado, eu já sentia também que o vôlei estava abrindo um mundo para mim e aquilo era muito legal. Eu ia frequentar um clube, um clube de massa como o Flamengo, que ao mesmo tempo era um clube de massa, mas era um clube muito familiar. Tinha um lado muito assim, todo mundo cuidava da gente. Tinha uma roupeira que cuidava. Nós voltávamos com uma condução, que era uma Kombi, que levava cada uma para sua casa. Aquilo era uma diversão, você pode imaginar, para uma menina que era toda, a mãe não deixava fazer isso e aquilo e de repente eu me via numa Kombi com meus 13 ou 14 anos voltando à noite para casa. Eu ganhava um vale para lanche, então eu já achava que aquilo era o máximo. Eu ganhava um queijo quente e um refrigerante ou um suco. Eu achava aquilo incrível. Aí mais tarde eu ganhei uma bolsa de estudos, porque eu fui expulsa da minha escola porque discuti com a professora, nem lembro

mais. Eu volta e meia tinha uma suspensão por comportamento. E era uma escola muito assim, eu até hoje gosto muito, tanto que eu até botei os meus filhos lá. Mas, era uma escola muito careta, era muito certinha, era muito cheia de exigências. Se o tênis estava sujo, você tomava advertência. Se você contestava alguma coisa era outra advertência. E é a idade que você quer contestar é na adolescência. Então, você imagina. Aí, eu fui suspensa algumas vezes e depois eu acabei sendo expulsa. Mas, o vôlei me deu uma bolsa de estudos no Rio de Janeiro [colégio]. Então, eu pude barganhar com a minha mãe, dizer olha, eu tenho já a solução. Eu tenho já onde estudar de graça porque o Flamengo vai me dar bolsa e o Rio de Janeiro era uma escola legal.

M.T. – Isabel, como é que era ser jogadora de voleibol na década de 1980?

I.S. – Olha, tinha um lado que o esporte para as moças estava começando a não ser tão marginal. Assim, não existia tanto preconceito. Porque eu venho de uma geração, uma geração anterior a minha, as meninas iam fazer balé. Poucas iam fazer esporte, entendeu? Nos anos 1970 é que começou essa onda das academias, das mulheres começarem a querer ter um corpo mais malhado. Então, ainda era visto um pouco como uma atividade muito masculina. Mas, eu peguei o final disso. Então, eu peguei o final disso e acho que a minha geração contribuiu um pouco para esse novo olhar para o esporte, mas tinha ainda uma coisa assim, um reduto: “Ou você é feia ou você é sapata”. Entendeu? Então, eu acho que esse estigma ainda tinha no ar, sabe? Então, ser jogadora nessa época tinha um lado um pouco contra a corrente assim... , mas também tinha um certo preconceito grande, de um modo geral, assim, quem fazia esporte eram pessoas intelectualmente um pouco limitadas também. Tinha um olhar um pouco assim. Tanto, que você vai ver os corpos nos anos 1970, eram corpos mais magros. Eram até mais bonitos, eu hoje olho e falo eu achava mais bacana. Hoje, as pessoas já estão acho que revendo, mas agora tem uma coisa assim de malhar, malhar, malhar, malhar, mulheres enormes de forte, entendeu? Por exemplo, eu venho de uma geração em que ainda a mulher ter músculo? Hum! Não era legal, entendeu? Então, a gente fazia musculação e eu lembro que eu falava: “Vê lá se eu não vou ficar enorme?!”. E eu era um palito, eu era magra, magra, magra. Mas mesmo assim eu tinha uma preocupação de não ficar masculinizada, assim com a musculação. Mas, até a página dois porque depois eu queria era jogar, eu queria estar na quadra, eu gostava. Mas, eu acho que tinha um pouco... Eu tinha muitos amigos de outras áreas, de teatro, de música e ninguém malhava, ninguém fazia nada, sabe ligado ao

corpo. Mas, eu sempre, eu nunca sofri isso porque eu vivia numa família que tinha assim muito, eles nunca ficaram incentivando: “Ah, você vai ser uma jogadora, que legal!” Não, não tinha nada disso, mas também não tinha nada contra. Eu tinha muita liberdade para fazer o que eu queria, o que eu gostava. E eu falava como era? Isso eu lembro, eu já falei isso outras vezes, isso assim é muito emblemático. A minha mãe é professora e a questão do ensino era importante na minha casa, nunca foi uma coisa, apesar de eu [risos] não ter feito uma universidade. Eu não ter acabado, eu entrei, mas eu nunca acabei nada. Mas, a minha mãe tinha essa questão muito assim firme. E eu lembro que eu chegava às vezes tarde em casa e dizia para as minhas irmãs: “Por favor, estudem muito porque eu vou ser uma jogadora de vôlei e eu vou me dedicar a isso, não sei se eu vou conseguir fazer uma faculdade ou se eu não vou”. Mas, eu era muito garota para já ter um papo meio por aí. Eu acho que eu poderia ter feito, sabe? Mas, tinha uma coisa também que era a adolescência, da juventude, de contestar, contestar, contestar e até isso eu acho que eu poderia ter aproveitado um pouco melhor. Mas, tudo bem.

M.T. – E a quebra dos paradigmas, por exemplo, entrar em quadra grávida que era uma coisa inimaginável na época?

I.S. – Olha, eu vou te falar. Eu não planejei a minha gravidez. Eu fiquei grávida muito menina, com 17 anos e tive a Pilar com 18 anos. Então daí você pode concluir. E eu não era uma menina com 17 anos que tivesse assim vivido... Tido uma vida solta, com experiências. Não, eu era uma menina mesmo, eu era uma garota que morava na casa dos pais em Ipanema, uma família de classe média, com todas as questões que envolvem uma família típica como a minha e ficar grávida foi uma coisa assim que me deixou muito feliz, apesar de não ser a hora para uma garota. Mas, eu estava felicíssima. Eu me achava incrível por ter um bebê dentro de mim e que eu ia ter um filho. Então, eu não tive nenhuma dúvida que eu queria ter aquele filho. Eu não tive nenhum conflito. Tive um apoio familiar. Tive uma força familiar assim: “O quê que você deseja? O quê que você quer?”. Então, eu não planejei: “Eu vou jogar grávida”. Na minha primeira gravidez, eu não joguei. Eu não queria jogar. Eu não tinha vontade. Então eu fazia tudo, eu corria, eu jogava frescobol, mas eu não tinha vontade de jogar vôlei e parei e voltei só quando fui convocada. Voltei logo já convocada para a seleção. Voltei muito rápido, muito bem. Eu tive sorte de ter quatro partos normais e isso me ajudou muito. Nunca ter

engordado muito durante as gestações, né? Mas, na segunda não. Na segunda, eu fiquei grávida e eu vinha jogando e aí eu resolvi continuar jogando.

M.T. – Até quantos meses você jogou?

I.S. – Eu joguei bastante. Outro dia eu até vi uma imagem minha jogando. Eu falei: “Nossa, eu não via há um tempão”. A minha barriga estava grande [risos]. Mas, eu me sentia muito bem na quadra. Eu não me sentia nem um pouco desconfortável. Eu também dei a sorte que eu tinha um médico muito bom, eu tinha um ginecologista que era um cara muito fera. Então, ele me deixava muito segura com relação a várias questões. E aí eu fui jogando, eu me sentia bem.

M.T. – Você sabia o que você estava fazendo, na realidade?

I.S. – Eu não sei se eu sabia. Eu me sentia segura, sabe? Eu acho que a gravidez tem um lado muito curioso, que você fica com a sua sensibilidade muito apurada. Então, tinham coisas assim que se preconiza que não tem problema, sabe? O protocolo diz: “Pode fazer”. Grávida pode fazer, mas eu não me sentia bem fazendo. Então, eu não fazia. Então, eu acho que a gravidez tem um lado assim que você também tem uma sabedoria instintiva, que você se defende, sabe? E nesse departamento, eu acho que a vida foi generosa comigo [risos]. Eu tinha um faro bom, um “feeling” bom de saber “que aqui não vai ser legal ou aqui dá para eu ir”. Mas, depois começou a virar mais assunto o fato de eu estar jogando grávida do que o meu voleibol, então eu comecei a achar que aquilo estava virando meio “mico de circo”, sabe? E aí eu falei: “Está na hora de parar. Isso não está divertido, deixou de ser”. Então foi isso, eu parei. Claro que já estava um pouco na hora, mas eu fui até quase seis meses jogando e eu estava muito bem fisicamente. E o voleibol era mais lento, não era como hoje. Eu me sentia muito segura dentro da quadra, era um ambiente que eu entendia. Obviamente que tinham jogadas que eu já não ia com tanto “elã”, com uma pegada do mesmo jeito porque eu sabia que ali entrava algum risco. Então, foi assim que eu fui indo. E foi bom, foi legal. A minha gravidez foi ótima e o meu parto foi normal. A Maria nasceu e eu voltei muito rápido. Com duas semanas eu acho que eu voltei, mas bem devagar. Eu tive um parto muito bom. A Maria nasceu um bebê sem nenhum problema. Então, foi tudo fácil foi tudo tranquilo. Aí entra outro departamento que nem te interessa: “A minha primeira gravidez eu não tomei

nada, na segunda eu só tomei o soro para induzir, mas não tomei anestesia, então são coisas que facilitam você voltar. O parto é mais difícil porque dói mais, é mais complicado”. Enfim, o terceiro, o Pedro foi mais fácil ainda porque quando eu fui ter o Pedro [risos], eu tive no Hospital Samaritano e a minha irmã estava tendo uma pedra no rim, no quarto ao lado e o médico só dizia: “Você não reclame porque a sua irmã está sofrendo muito mais do que você, porque ela está com uma pedra no rim horrorosa.” E eu ficava com tanta pena da minha irmã... Enfim, e a Carolina é que não foi tão fácil porque ela teve que ser puxada por fórceps, curiosamente, o quarto filho.

M.T. – Isabel descreva a sua trajetória esportiva, desde que você começou até o momento de parar, destacando os fatos que você julga mais relevantes.

I.S. – Eu não tenho boa memória não. Eu comecei com 12 anos no Flamengo. Com 15 ou 16 anos eu fui convocada para a minha primeira seleção. Com 14 anos eu fui convocada para a minha primeira seleção carioca. Eu joguei as categorias de base. Eu sou dessa geração que obviamente você sabe, do Bernardinho, Xandó, Renan, Montanaro, Badá. No feminino era a Jacqueline, a Heloísa era um pouquinho mais velha que a gente, mas pouca coisa, mas numa idade que assim 14 anos e a outra 17 anos, mas faz uma diferença ainda. Regina Vilela, Denise Matioli. Elas eram um pouquinho mais velhas que a gente, mas a gente jogava com elas. Então, tinha uma coisa legal que você jogava todas as divisões. Eu comecei, eu era muito desajeitada, eu era muito longilínea, muito comprida, muito magra e sem habilidade, eu era descoordenada. E o Enio falava: “Não, ela vai jogar, ela vai jogar”. Mas, eu adorava o que eu fazia. E eu lembro que na minha primeira temporada que eu tive de férias, logo que eu resolvi jogar mesmo, que eu fui para o Flamengo, eu lembro que quando acabaram as férias, eu lembro até hoje o Enio falando: “A única que não faltou foi a Isabel, nenhum dia”. Então, eu era muito bagunceira, mas eu adorava o que eu fazia. Então, isso contribuiu muito. Eu tive um técnico maravilhoso que foi o Enio, que gostava muito do esporte. Então é muito bom você ter um professor, em qualquer área que você vá se dedicar, que goste do que ele faz, porque aquilo ali ele passa para o aluno, não tem como. Aquele amor também, se ele tem uma semente de envolvimento, o professor faz aquilo aflorar e crescer. Isso para mim foi muito importante ter tido um treinador como o Enio, tão dedicado. Acho que eu perdi também, porque, ao mesmo tempo, eu comecei com uma geração que tornou o vôlei popular, mas ao mesmo tempo, o Enio foi um grande técnico, mas o Enio permitiu também que eu abrisse mão

de fundamentos que eu tinha que ter investido mais. Eu não era uma boa jogadora de defesa. Eu fui uma boa atacante, uma grande atacante, mas eu poderia ter sido uma jogadora mais completa, se tivesse passe. Eu não estava preocupada com isso. Eu queria dar porrada na bola, eu queria bater, eu queria atacar, atacar, atacar. Então, se eu tivesse que atacar três horas, eu atacava. Mas, se tivesse que treinar meia hora de passe, eu já reclamava. E o Enio nisso, eu acho que ele foi um pouco benevolente demais. Mas, era outra época. Enfim, mas o que interessa é que a minha trajetória, aí eu fiquei grávida muito cedo, aí eu voltei, joguei um campeonato mundial, depois voltei com 19 anos e fui para a minha primeira Olimpíada, em 1980. Em seguida eu fui para a Itália, joguei uma temporada na Itália; nenhuma jogadora tinha saído do Brasil ainda, eu fui a primeira jogadora a sair, a tentar uma experiência jogando fora. Foi incrível, eu nunca tinha ganhado dinheiro jogando vôlei. Foi a primeira vez que eu ganhei dinheiro. Eu vinha de uma família que me protegia muito. Então, eu tive que me virar. Eu lembro que quando meu técnico me deixou no apartamento que eu ia morar com a minha filha, eu fui com a minha filha. Eu não deixei a minha filha para trás porque eu não conseguiria render se ela não tivesse do meu lado. Não existia essa possibilidade para mim de deixar ela para trás, eu não entendia. Então, eu era muito nova, mas eu era muito responsável por um lado. A maternidade nunca me assustou nunca me causou conflitos. Só que eu tinha que gerenciar aquilo de outra maneira, porque eu ia estar sozinha com a Pilar num país que eu nunca tinha morado, numa cidade que eu não conhecia ninguém e o Bernard, que era jogador na época foi muito legal comigo. Foi ele que fez a transação do meu contrato porque ele jogava na mesma cidade que eu. Então eu almoçava no mesmo restaurante com ele todos os dias. Ele tinha uma coisa muito bacana. Ele jogava na equipe da Panini, ele dava umas protegidas em termos de contrato, não deixava ninguém folgar comigo. Então, isso eu devo a ele porque ele foi muito camarada comigo nessa época. Em outras ocasiões também foi. O Bernard foi muito parceiro nisso. E aí eu jogava numa equipe e o técnico me deixou no apartamento que eu ia morar, eu cheguei na Itália pra jogar e eu fui direto para a quadra do aeroporto, porque eu fui jogar só o retorno do campeonato. Na época era turno e retorno e eles tinham perdido pra essa equipe no turno e eles queriam que a estrangeira que estava indo pra resolver jogasse. E o vôlei feminino naquela época lá estava engatinhando e eu saí do aeroporto com a minha filha embaixo do braço tomei um banho e entrei na quadra. Era bola para mim, bola para mim, bola para mim e era bola no chão, bola no chão, bola no chão e porque era fácil e não que eu era nada de mais, mas porque eles lá eram um pouco de menos, na época. Aí eles adoraram, me acharam bacana, legal e aí o técnico depois desse jogo foi me

deixar em casa com a mulher dele e aí eu disse para ele assim: “Mas, como é que eu acordo amanhã?” E ele falou assim: “Você bota o despertador”. Aí eu falei assim: “Ah, tá.” E fingi que aquilo era normal, mas para mim não era normal. Sempre alguém tinha me acordado, sempre alguém me chamava. Aí eu me dei conta que eu estava sozinha, porque na casa da minha mãe tinha as pessoas que trabalhavam, tinha a minha mãe, tinha a minha avó, tinha as minhas irmãs, eu deixava um bilhete pras pessoas que trabalhavam em casa: “Por favor, me acorde tal hora”. Quando era um horário diferente da família. Aí eu me dei conta que eu que ia ter que resolver a minha vida dali pra frente com a minha filha. Eu tinha 19 anos, mas, eu me senti muito feliz também, aquilo da independência não me assustava. Aí muito bem, eu joguei na Itália, voltei e aí proibiram a gente de jogar no exterior, eu e mais uma leva de jogadores, todos do masculino. Fiquei muito chateada com isso e aí eu fui cortada da seleção [pausa]. Acho que eu fui cortada mais algumas vezes, mas aí você vai ter que buscar e é fácil de descobrir. Aí eu fui convocada no final, porque eles descobriram que se não me convocassem eu teria a minha carta de liberdade, eu poderia jogar na Itália, porque depois de um ano que você ficasse fora da seleção, uma coisa assim, eu poderia ir embora. Na verdade, eu queria era ir embora, eu queria morar na Europa. Eu tinha um lado meio “hippieronga” também que eu gostava. Eu gostava de música, não que eu não goste hoje, mas na época, imagina uma menina poder morar na Europa. Eu não queria só jogar vôlei, a verdade é essa, tinham outras coisas que eu queria ver. E aí eu comecei a perceber que a minha vida poderia também ser legal também fora do Brasil ganhando grana e eu já no Brasil eu gostava de ir a shows, eu gostava de ir ao teatro, eu gostava de ir ao cinema, eu já tinha uma vida interessada em outras coisas, apesar do voleibol ser tudo para mim, eu nunca tive dúvida daquilo. Mas, o meu momento de lazer era ir à praia, era ver outras coisas; aquilo me abastecia para jogar. E eu vi que na Europa eu poderia ter a mesma vida e até melhor, eu poderia conhecer outras coisas, o mundo ia se abrir mais ainda e aí eu estava proibida de ir. Mas, aí quando estava quase dando esse período, me convocaram e para minha sorte também porque foi o “boom” do vôlei nessa época, com o Mundialito que a gente jogou. A gente não esperava que desse o retorno que deu. A gente foi pega assim completamente de surpresa. Nunca esperei. Eu entrei para jogar, isso eu já disse algumas vezes, mas, eu, Vera Mossa, Jacqueline, até hoje eu lembro. Quando você conversar com a Jackie, com a Vera, com certeza elas vão te contar isso. Eu lembro da gente no vestiário, que era um vestiário meio camarim, que tinha em São Paulo e a gente brincava, falava: “Nossa, camarim das estrelas!” Porque era diferente de um vestiário, era mais glamuroso. Mas, a gente olhava e falava: “Mas que merda, a gente vai

entrar nesse ginásio enorme e não vai ter ninguém”. O teu pai lá, o irmão da fulaninha, aquele público cativo, que vinha sempre. Mas aí a coisa foi crescendo, a Record começou a transmitir. O Brasil tinha acabado de perder Copa do mundo de futebol, tinha perdido o mundial de basquete que a Globo tinha transmitido e a nós entramos em cena e começamos a ganhar, ganhar, ganhar e nós não éramos feias, nós éramos femininas, éramos um time que tinha um apelo estético também. Não que nós fôssemos lindas, longe disso, mas nós não éramos uns “canhões”. E o Brasil queria ganhar alguma coisa. Pô, você vem perdendo e é natural que se alguém começa a ganhar... E aí nós fomos percebendo que aquilo estava tendo eco, que estava reverberando em outros lugares, não era só ali no nosso mundinho. Então, do dia para a noite a gente teve uma exposição maior do que a gente tinha tido até então na nossa carreira naquele pequeno período; muito mais, porque o voleibol era registro, saía uma notinha, uma coisinha. E aí no dia seguinte estavam querendo opinião para saber se eu gosto de babado na roupa. “Sei lá se eu gosto de babado, se eu não gosto de babado.” [risos] Até a gente entender o que estava acontecendo... Por exemplo, hoje uma menina quando começa a jogar, ela sabe que vai encontrar uma modalidade que se estrutura dessa forma. Ela vai treinar e se ela for boa, ela vai poder ter uma independência financeira, se ela for boa, ela vai ter um espaço na imprensa, ela vai ter um papel dentro da vida da cidade, da vida do país. Naquela época era a gente, a gente, a gente. Então, esse torneio deu para a gente a dimensão de fazer sucesso. Eu lembro que quando eu voltei desse torneio, eu encontrei com o Evandro Mesquita [vocalista da Blitz] e o Evandro que é muito generoso, e a Blitz não estava fazendo sucesso, a Blitz estava “arrebentando”, fazendo um sucesso dez vezes maior do que o nosso e eles não tinham sido formados para isso, eles queriam fazer música, eles queriam se expressar, enfim, o que interessa é que o Evandro se virou para mim e falou assim: “Pô, Bel, que barato, a gente tá fazendo sucesso junto, a gente começou a dar certo.” E eu respondi: “Pô, Evandro, a Blitz não tá fazendo sucesso, a Blitz está começando a arrebentar”. E era uma coisa assim que eu ficava impressionada. E de alguma maneira, a gente no nosso espacinho ali pequeno, a gente falava alguma coisa e no dia seguinte estava lá no jornal. Fui capa da Veja e opinião, Carlinhos de Oliveira escrevia, Armando Nogueira escrevia, elegiam A, B, C. Uma é musa, a outra é isso, a outra é aquilo.

M.T. – E como é que era ser musa? Você ficava chateada pelo fato de ser reconhecida como musa e esquecerem o seu voleibol?

I.S. – Eu não tinha nenhum conflito com isso. Eu nunca acreditei nessas coisas, essa onda nunca me pegou. Eu sou uma pessoa vaidosa, mas até à página dois. Eu me envaideço de outras coisas. A estética é uma coisa bacana que eu aprecio. Eu aprecio ver uma criança bonita, um velho bonito, uma mulher bonita, um homem bonito. Tudo isso era bacana, mas ali o que estava em jogo não era que nós éramos bonitinhas só. Estava em jogo a nossa “performance”. A gente estava mostrando um bom voleibol, então isso eu não tinha dúvida, então eu não estava preocupada com isso. Provavelmente eu entendia que aquilo ali era um mecanismo que as pessoas elegem. Você precisa até para transformar um esporte ou qualquer atividade que seja. Mas a gente tinha substância, não era fogo de palha, a gente tinha profundidade, a gente tinha voleibol. E na mesma esteira falavam que eu era indisciplinada. Tinham outros rótulos que vinham a reboque e que não tinham reverberado tanto porque foram anteriores a esse “boom”, mas que eram rótulos que diziam que eu polemizava com tudo, era contestadora e outros que diziam que eu era gente boa, bacana, alto astral. Então, não dava para acreditar em tudo. Então era melhor não acreditar em nada e seguir o meu caminho. Então, eu não acreditava, não entrava nessa onda. Agora, também sabia e percebia que aquilo ali também me dava retorno. Me chamavam para fazer comercial, eu ganhava uma grana que eu nunca tinha pensado em ganhar dizendo que laranja era uma fruta bacana para ser consumida ou um jeans. Então, foi isso. Mas, como tudo que é novo você paga um preço pela inexperiência. Nem comissão técnica, nem jogadores, nem atletas. Ninguém daquele grupo tinha experiência para navegar naquele novo formato que o voleibol estava começando a tomar.

M.T. – E a organização principal, a CBV? Você também coloca nesse bolo ou você acha que ela tinha alguma outra intenção?

I.S. – Eu acho que o Nuzman, naquele momento, teve uma intuição muito grande. Até que ponto foi intuição, foi certeza eu não sei. Foi sorte também, foi tudo junto. Estar no lugar certo na hora certa. Eu acho que a CBV teve um papel fundamental. Quando ela proibiu todo mundo foi um gesto antipático que eu contestei, mas que eu tenho que reconhecer que acabou dando certo, que acabou resultando numa coisa boa. E isso foi o Nuzman porque ele acabou comprando um barulho que teve um resultado muito legal. E o encontro do Braguinha com o Nuzman foi fundamental para o vôlei brasileiro porque se não fosse a Atlântica Boavista ter investido daquela forma para segurar esses jogadores no Brasil não teria acontecido. Então

foram várias coisas. Foi um projeto muito bem elaborado? Eu acho que foi até certo ponto porque teve um lado que ele arriscou. Mas, quem não corre risco também não acontece. Então, o Nuzman foi muito feliz. O vôlei brasileiro deve muito a ele, como deve ao Braga, como deve ao Luciano do Vale, que naquele momento foi o cara que estava ali narrando aqueles jogos e deu visibilidade para gente, como aos atletas que vinham trabalhando já há muito tempo, que se não tivesse o material humano bacana não rolava. Então foi isso.

M.T. – Então, para dar continuidade a sua trajetória você foi contratada por algum clube em 1983? Qual foi o primeiro clube-empresa que você representou?

I.S. – Na hora que eu ia sair do Flamengo para ir para a Supergasbrás, eu recebi uma proposta da Supergasbrás muito boa de grana para sair do Flamengo. Mas, na hora que estava para sair do Flamengo eu fiquei com muita pena porque eu gostava muito do clube, eu gostava muito das minhas companheiras e eu tinha uma responsabilidade muito grande com o time porque eu e a Jacqueline éramos as mais conhecidas da equipe. E chamaram eu e a Jackie para ir para a Supergasbrás. Então, o Flamengo cobriu a oferta da Supergasbrás, mas mesmo assim não foi uma boa escolha porque o time da Supergasbrás era muito superior. Mas na hora H eu resolvi ficar com o time pior, porque eu vi que eu ia me dar mal emocionalmente se deixasse o clube que eu vinha desde menina para trás. Então eu fiquei e a Jacqueline foi para a Supergasbrás. Depois de uma temporada eu não aguentava mais. Eu ganhava dinheiro, mas o time não tinha estrutura. Não tinha bola, era um trabalho sem estrutura. Eu dava “um tapa” numa grana, convivia com as pessoas que eu gostava, que eu estava ligada desde sempre, mas eu queria jogar vôlei, eu queria ganhar. E eu entrava em quadra com um time que não tinha podido treinar como queria e que não tinha estrutura. Aí, no ano seguinte eu saí, fui para a Super [Supergasbrás]. Depois eu não lembro o que aconteceu [risos].

M.T. – Depois da Supergasbrás você foi para aonde?

I.S. – Eu fui para o Bradesco, fiquei grávida do Pedro e não acabei a temporada. Aí eu fiquei sem time. Aí eu não lembro onde eu joguei, não tenho a menor ideia. Eu sei que depois dessa gravidez eu treinei igual a uma condenada para voltar à forma e pegar a minha posição de volta. Era tudo muito rápido, eu dava de mamar, ia treinar e quando eu voltei do mundial eu fiquei grávida de novo, tive a minha quarta filha. Aí com quatro filhos ninguém me

convocava mais para nada. Aí eu falei: “Agora eu me ferrei, porque com quatro filhos ninguém me chamava mais para lugar nenhum”. Então, eu resolvi ir para um time pequeno na Itália, que era o único lugar que acreditava que eu poderia jogar vôlei ainda. Aí eu fui para a Itália e fiz uma temporada muito boa, apesar de estar voltando. Eu fui crescendo, crescendo, crescendo naquele time pequeno, inexpressivo. A gente não ganhou nada, mas eu tive um destaque muito grande na equipe. Mas, eu não queria continuar naquele time pequeno. Eu queria ir para um time forte. Foi quando eu voltei para o Brasil e fui para a Sadia. Foi exatamente isso. Eu estava bem e naquele momento ninguém podia falar de quantos filhos eu tinha. Eu tinha voleibol. Mas, naquele momento eu já era vista como uma jogadora muito mais velha. Eu tinha 28 anos, mas me olhavam como se eu tivesse sei lá quantos anos. Não pela minha “performance”, mas pelo meu histórico. Eu tinha um estigma de uma jogadora... Eu tinha só 28 anos, mas me olhavam como se eu já tivesse 35 anos, sei lá. Aí depois desse ano na Sadia eu tive uma proposta para jogar na Toshiba [Japão] e fiz três temporadas seguidas lá. Eles me pagavam muito bem e eu não podia perder. Eu jogava no Brasil e jogava lá. Eu não tive férias, foi um momento muito puxado, mas eu não podia perder porque foi a chance de eu fazer a minha independência financeira. No segundo ano eu tive uma contusão feia de cruzado anterior e já tinha 30 anos. Eu rompi o cruzado e sofri bastante e tive a sorte de ter operado com o Arnaldo Santiago que fez uma cirurgia muito legal no meu joelho, mas a recuperação foi mais barra pesada. Aí, eu novamente tive a sorte de pegar o Nilton Petrônio, o Filé, que estava sem emprego, vindo de alguma equipe na Europa. Tinha operado o Romário, sei lá. Eu fiquei direto com ele. Foi a minha sorte. Eu ficava dia e noite com ele por uns oito meses me recuperando e foi assim que eu consegui fazer a minha terceira temporada no Japão. O que norteia a minha geração é que por mais que eu não frequentasse, o voleibol tinha uma identidade muito forte dos clubes, das jogadoras. O lado do amadorismo era muito particular, era muito a nossa cara. O público da gente era naturalmente engraçado. Tinha pessoas de outras áreas que iam assistir aos jogos. O bairrismo entre Rio de Janeiro e Minas. Flamengo e Fluminense, nem se fala e você menina pertencer aquilo era muito bacana, muito legal.

M.T. – Quais pessoas foram importantes ao longo da sua trajetória para a consolidação da sua carreira?

I.S. – Olha, o Ênio Figueiredo para mim foi muito importante, muito, muito, muito. O time que eu joguei no Flamengo, a Jacqueline, a Vera Mossa que apesar de não ter jogado no Flamengo foi uma companheira muito importante. As parcerias da quadra, a Roseli, com quem eu joguei na praia. Ah, por isso que tem esse “gap” porque tem o período que eu joguei na praia e que para mim foi muito importante. O Braguinha foi muito importante também em vários momentos. Quando eu fui para o Bradesco. Quando eu fui para a Sadia foi ele que intermediou porque o pessoal de São Paulo tinha uma coisa assim comigo. Ela boa de bola, mas... Ele deu um telefonema e falou: “Não, a Isabel quer ficar no Brasil e jogar num time forte”. Foi o Braga. Aquele grupo de meninas do Flamengo, Virgínia, Ana Lúcia, Valerinha, Viviane, minha irmã [Inês], Letícia, Regina Vilela foram a minha inspiração junto com o Ênio. Nós tínhamos uma identidade juntas. O Ênio, esse grupo de jogadoras, o Braguinha, inicialmente são as que eu lembro. A Roseli, na praia. A Shelda também foi importante. E toda essa geração. Eu lembro que eu nunca via jogo de masculino, mas teve um jogo do masculino no Maracanãzinho e o povo todo gritando: “Jornada, jornada, jornada”. Eu falei “Que legal, cara, eu faço parte disso”.

[PAUSA NA ENTREVISTA– RETOMADA EM 22/11/2014]

M.T. – Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

I.S. – A minha família não vivia uma atmosfera esportiva, não era uma família de esportistas. Meu pai gostava de esporte, mas não era praticante. Ele trabalhava em aviação, gostava de mar, de praia, eu entrava no mar com ele e eu me lembro dele me mostrando umas fotos de pranchão. Ele gostava de futebol, ele era botafoguense, meu pai faleceu há um ano e meio. Minha mãe é uma pessoa ligada às Letras, não tinha absolutamente nada a ver com esporte, mas o que foi mais legal é que nunca fizeram nenhuma objeção ao fato de eu querer jogar. Então, eu tive muita liberdade e isso foi muito bom de escolher o que me dava prazer, a atividade que eu me identificava. Então isso foi uma coisa boa. Eles sempre deram força. Somos quatro filhas de uma família de classe média. Minha mãe era professora, meu pai era funcionário público e minha mãe me incentivava do jeito dela, ela não entendia nada do esporte. Quando ela ia ver um jogo, ela via muito mais o lado plástico. Eu podia ter perdido que aquilo para ela não era importante. Ela falava: “Ah, a Isabel joga bola”. Eu lembro que um dia eu fui para a escola à tarde e a gente foi jogar uma pelada, eu nem jogava ainda e a

minha mãe completou o time. Eu lembro que ela conseguiu dar um saque por baixo bem certinho, ela jogou até muito bem. Meu pai era muito mais coordenado que a minha mãe. Ele dançava bem, tinha uma coisa física, mas nunca foi um esportista, apesar de ser alto e gostar de praia, como eu falei. Mas, a força que eles deram... Quando eu ia viajar para fora do Brasil, eles procuravam saber como era, se eu ia estar protegida, se não era perigoso, se eu não ia perder a escola. Aí, quando eu comecei a perder eles perceberam que eu estava muito envolvida com o que eu fazia. Meu pai trabalhava ainda. Eram quatro filhas e não dava para ficar... Eu nunca fui uma menina mimada. Aí, de repente eu dei certo no vôlei, ser titular, comecei a ir para a seleção. Mas, eles não ficavam contando isso para os outros. Depois de uns anos, minha mãe já bem mais velha começava a falar: “Ah, eu sou a mãe da Isabel do vôlei”. Eu ficava morrendo de vergonha, eu já era mais velha, uma mulher feita. Mas, eu tinha que entender também, né? É natural uma mãe querer falar dos filhos e ela já era mais velha... Mas, ao mesmo tempo me fez muito bem isso não ser importante para eles, porque eu tinha liberdade.

M.T. – No voleibol, quais os principais fatos ocorridos na década de oitenta você considera importantes?

I.S. – Oitenta? Importante? Que eu me lembre assim de cabeça foi como Cuba transformou o voleibol, com força, com explosão, com uma capacidade física que não era vista ainda no voleibol feminino. Para mim, a coisa mais marcante que eu lembro dos anos oitenta foi Cuba. A mudança do voleibol a partir daí. Antes veio a velocidade dos asiáticos e como eles conseguiram enfrentar isso com um jogo lento e depois outras equipes que começaram a tentar conciliar a velocidade com a força. Mas, a força veio de forma impactante com Cuba. Os anos 1980 no Brasil foi uma grande virada do vôlei, foi um momento que o vôlei se tornou um esporte com muito mais projeção do que tinha. Foi uma mudança enorme. Eu fazia um esporte que só saía em registro de jornal e do dia para a noite começou a ter espaço na imprensa, as pessoas conheciam os jogadores e as jogadoras. O Brasil começou a ter uma expressão numa outra modalidade que não era o futebol. O basquete tinha até certa penetração, mas o vôlei muito pouca. Então foi muito legal porque foi uma grande mudança. O Mundialito foi um grande evento, sem dúvida, uma grande guinada tanto no masculino quanto no feminino. Foi um torneio que nem tinha uma grande importância, mas como veio logo após uma Copa do Mundo e um Campeonato Mundial de Basquete, eu acho. O basquete

foi transmitido e não teve um sucesso como se esperava. Aí o primeiro Mundialito foi feminino e depois o masculino. Aí a gente chegou no estádio, eu acho que eu já te disse isso e todas elas também, não esperávamos ninguém... Foi quando a coisa mudou. E a entrada das empresas no Brasil que fez o esporte se democratizar mais. Isso tornou o esporte menos amador e menos elitista porque a partir do momento que você sabe que pode viver daquilo... Além disso, projeção, espaço, enfim, grandes mudanças.

M.T. – E dentre todos esses fatos que você destacou qual o que você considera mais importante?

I.S. – Não tem um fato, têm vários. Por exemplo, o Braguinha é determinante no vôlei, o Antonio Carlos de Almeida Braga fez muito pelo voleibol. Sem o Braguinha não teria sido possível. Sem essa geração de atletas todos também não, essa geração de atletas e técnicos. Sem o momento ter conspirado a favor. Sem o Nuzman ter segurado os atletas no Brasil também, que isso contribuiu, porque eu mesma queria ir embora, estava muito chateada de ter que continuar no Brasil. Mas, o Nuzman segurou todo mundo aqui e acabou dando certo. Então: “O que foi mais importante?”. Não teve um fato mais importante, tudo foi importante, foi uma conjunção de fatores. A própria Record ter topado transmitir o Mundialito. Sorte também porque teve uma super audiência e poderia não ter tido televisão, o que seria um absurdo. Mas, teve uma super audiência e as pessoas ficaram sabendo que eram aqueles meninos e aquelas meninas. Do dia para a noite começaram a perguntar para a gente nossa opinião sobre várias coisas. Era engraçado e estranho.

M.T. – Qual episódio marcou a tua carreira na década de oitenta?

I.S. – Os cortes, perder para os EUA, em 1984 depois de estar ganhando um jogo que era praticamente impossível de ganhar e a gente perder depois de estar ganhando por dois a zero. Tudo foi marcante. Pô, nós tivemos uma carreira super intensa. “O que foi mais marcante?” Para mim, tudo, tudo foi marcante para mim, até os meus jogos contra o Fluminense, meus jogos pelo Flamengo, pela Supergasbrás, pelo Bradesco. Eu gostava de jogar, então o que foi mais importante foi fazer o que eu mais gostava de fazer, que era jogar. Jogar a Olimpíada, mesmo com essa derrota que foi tão marcante para a minha geração. Foi muito emocionante, a gente viveu.

M.T. – Quais as principais dificuldades que você enfrentou no esporte na década de oitenta?

I.S. – Faz tanto tempo... O esporte tinha um resquício muito grande do governo militar. Você não podia ter opinião, você não podia contestar você não podia dizer que não gostava. Isso era difícil, complicado. Você ver uma coisa rolando que não é justa e você tentar argumentar e aquilo ser considerado um absurdo, ainda mais para uma garota nascida numa atmosfera familiar onde se argumentava se discutia. E isso tudo associado à juventude é mais intenso ainda. Era chato esse lado do esporte, era desagradável você toda hora ser considerada indisciplinada porque você contestou, porque você reagiu. Hoje olhando para trás, eu vejo que foi importante, mas, na época, eu queria mais é que olhassem para o meu jogo.

M.T. – O que o voleibol trouxe de positivo para a sua vida?

I.S. – Ah, o voleibol trouxe muita coisa positiva para a minha vida. Primeiro, eu pude me dedicar a uma coisa que me dava muito prazer e isso eu acho que é um privilégio quando você tantas pessoas que trabalham em coisas que elas não gostam. Então, eu tive o privilégio de fazer o que eu gostava. Depois eu consegui jogar e ao mesmo tempo ter os meus filhos e construir a minha vida. Mas, o que o voleibol me deu de mais importante foi me emocionar, porque jogar é uma relação muito intensa. Pelo menos para mim era. Então, era muito legal e bacana viver tão jovem sensações muito intensas e fortes como medo, como alegria, como tristeza, como a questão de fazer parte de uma equipe onde você é importante, tem um peso. Você depende dos outros, os outros dependem de você. Tudo isso tem uma magia, uma coisa que é muito legal e muito bacana. Se você pensar porque as pessoas ficam tão alegres quando ganham já que não vai mudar nada, mas é uma delícia. A minha filha mais nova, a Carol diz uma coisa que eu concordo: “Ganhar é muito bom e talvez seja muito bom só porque perder é uma merda” [risos]. Eu acho que ela tem razão porque a derrota traz uma sensação muito ruim, é assim físico o negócio. Já a vitória é muito divertida também. Depois dá um vazio, mas traz uma coisa que é muito legal, uma coisa quase infantil.

M.T. – O que significava para você ser jogadora de seleção brasileira?

I.S. – Era muito legal. Eu achava legal ser escolhida para representar o Brasil. A gente costurava as nossas camisas porque eu era muito magrinha. Os uniformes não eram todos novos como agora. Mas, o que significava? Eu me achava uma pessoa muito privilegiada por estar ali naquele momento, eu gostava muito de jogar pelo Brasil.

M.T. – O que você almejava?

I.S. – Ganhar. O esporte é uma coisa muito legal porque ele não tem essa coisa tão racional. Se você pensar porque um monte de adulto fica correndo atrás de uma bola, ver quem bate mais forte. O que eu almejava? Eu gostava de jogar, gostava de treinar, gostava de melhorar, gostava de bater forte na bola, gostava de ter medo, de ter emoção. Era engraçado viver num mundo tão... Eu estudava em colégio de freira onde era tudo certinho. De repente, eu estava saindo de casa, viajando. Tinha também tudo que vinha junto com o voleibol, apesar de ter um lado muito chato, de repressão, tinha um lado que era ganhar o mundo. Qual menina com dezesseis anos que está morando fora de casa? Isso para mim era muito legal, eu achava que eu era muito independente. Foi legal.

M.T. – O que representou para você participar dos Jogos Olímpicos?

I.S. – Eu não tinha essa consciência que o pessoal tem hoje não. Talvez porque eu não tenha vindo de uma família de esportistas. Eu não tinha essa coisa do desfile. Eu achava chato essas coisas, tipo: “Eu estou numa olimpíada”. Eu não tinha dimensão disso. Eu tinha dimensão quando eu estava jogando. Mas eu não tinha dimensão como hoje. Hoje uma menina vai jogar uma Olimpíada, nossa, meses antes tem gente falando. Mesmo que ela não ache, ela vai passar a achar porque é tanta falação. Não sei, era diferente na época. Eu achava muito legal pensar: “Nossa aqui estão os melhores do mundo”. Eu olhava e via pessoas incríveis. Não tinha essa paranoia, apesar de ter muita paranoia porque eu joguei Moscou e Los Angeles. Mas, eu não tinha essa dimensão, não tinha mesmo. Nem em uma, nem em outra.

M.T. – E como foi para você conciliar as demandas do voleibol com a sua vida pessoal?

I.S. – Olha, olhando para trás, eu acho que eu tive bastante jogo de cintura porque eu sempre fui muito próxima dos meus filhos, em todas as temporadas que eu fiz eu sempre estive com

eles. Era difícil, mas eu sempre contei com pessoas que me ajudavam. Para você ter uma ideia, eu tenho uma pessoa que trabalha comigo desde que a Carol nasceu a caçula. Ele está comigo há vinte e oito anos. Ele é motorista da gente e um grande amigo. É uma pessoa que me ajudou demais com os meus filhos, participando da vida deles sempre e os meus filhos são muito ligados a ele. O Pedro, meu filho, se batizou mais tarde, já adulto e escolheu ele como padrinho. Então, isso me ajudou muito, ter uma pessoa tão próxima, amiga e que até hoje está comigo. Tem a filha dele, que eu sou madrinha. Tem as babás todas que sempre me ajudaram. Mas, isso foi possível porque eu não tinha muita frescura com a casa. A minha casa era a minha casa com eles, sem frescuras, sabe? O pai dos meus dois últimos filhos sempre foi um pai muito presente, do Pedro e da Carol. Depois eu me casei de novo e tive a sorte de ter ao meu lado pessoas que sempre foram muito parceiras. Para mim não existia nenhuma relação que não fosse de amizade. Quando você tem filhos, você é um pacote, é um “kitizão” mesmo. As pessoas sabem que quem tem filho pequeno não tem essa. Eu ia para a praia com os quatro, num final de semana “vamos embora, vamos todo mundo para a praia, cachorro, papagaio”. Eu viajava e levava as babás, mas íamos todos juntos. À tarde, eu chegava do treino morta, caía na cama e falava: “Deixa eu dormir agora”. De repente, eu já ouvia a bola. Mas, eles gostavam do fato de eu jogar e eu acho que o fato de eu ter tido quatro filhos ajudou muito porque eles se tinham. Eles eram muito parceiros e não tinha aquela coisa da criança sozinha, triste, deprimida em casa e a mãe. Eles estavam ali, juntos. A ideia de nós sermos uma família nunca foi uma dúvida para eles. Nós éramos um grupo mesmo, aonde eu ia iam todos. Quando eventualmente não dava para levar eles ficavam com a babá. Os meus filhos nunca competiram com o vôlei. Talvez por isso eles tenham querido jogar, não sei. O vôlei nunca deu a eles essa sensação: “O vôlei tira a minha mãe”. A gente viajava junto, eu dizia: “Só vou se der para levar todo mundo”. É bem por aí.

M.T. – Como é que você percebia o olhar do outro sob o teu corpo atlético?

I.S. – Eu venho de uma geração que não se fazia muita musculação, não tinha isso. A minha própria mãe não achava legal ser forte e nem eu gosto muito não. Eu gosto de ser magra, sempre gostei de ser magra, me sinto melhor magra e nunca fiz muito sacrifício para ser magra. Eu sempre fui muito longilínea e venho de um país onde a média de altura não é muito grande, eu sempre fui muita alta para o padrão brasileiro. Mas, eu vivia num mundo de

esportistas, eu jogava então o olhar do outro era um dos olhares porque no mundo do esporte me olhavam como um par. Então, não era nada de mais.

M.T. – Como era a rotina de treinamentos da seleção em termos de lesão, sacrifício...

I.S. – Eu nunca tive lesão, eu fui me lesionar muito tarde. Eu fui muito sortuda com isso. Eu não entendia como as pessoas se machucavam: “Meu Deus, como é que se machucam?”. Até os trinta anos eu não tive nada disso, nunca tinha torcido o pé, nunca tive uma distensão. Só depois é que eu tive uma lesão séria no joelho, que eu já comentei contigo. O que era chato para mim é que eu adorava música, eu adorava pegar praia no posto nove, eu gostava de teatro e tudo isso era à noite. Volta e meia, a minha geração estava indo para Trancoso, para Arraial D’ajuda. Eu nunca fui para Arraial D’ajuda jovem. Todos os meus amigos iam e eu ia para a seleção. Puxa vida, eu queria ir para Londres ouvir música e a minha vida não dava. Mas, eu ia a todos os shows que eu queria, eu ia para o MAM ver show, tudo que dava para eu ver eu dava um jeito. Eu morava no Rio de Janeiro e isso também ajudava. Eu era interessada em coisas que às vezes era difícil, mas dava-se um jeito. Eu ouvia muita reclamação, mas eu adorava música, cinema, teatro.

M.T. – Havia diferenças entre o voleibol masculino e o voleibol feminino na década de oitenta?

I.S. – Havia, eles ganhavam mais. Eu acho que eles eram melhores, os resultados mostram isso. Eles eram uma geração muito brilhante assim. Eles foram campeões olímpicos, enfim, eles eram melhores. Se hoje você percebe que o mercado de trabalho não é igual, imagina naquela época. Mesmo assim, o voleibol feminino conquistou tantas coisas que é incontestável, mas na minha geração ainda era diferente. Eles ganhavam mais, mas eles mereciam. O masculino era muito forte na minha geração. Muita coisa me incomodava, mas quando você fala de esporte a resposta é dentro da quadra. O masculino ganhava muita coisa e por isso conquistou mais. Então, apesar de muita coisa ter incomodado a gente os resultados não vinham. Eu confesso que não lembro muito disso não. A Jackie e a Vera podem responder isso melhor do que eu. A Vera então tem uma memória brilhante.

M.T. – A Jackie disse que o voleibol masculino era o produto principal e vocês eram a promoção.

I.S. – É, talvez ela tenha razão, pode ser.

M.T. – O que representou o voleibol feminino na década de oitenta em nível nacional e internacional?

I.S. – Eu já te respondi isso. Em 1980 o que representou foi a mudança da velocidade para a força, os EUA chegaram com jogadoras muito mais altas. No Brasil, a entrada das empresas, o esporte se profissionalizou, as pessoas perceberam que poderiam pensar mais em longo prazo permanecendo naquela atividade. Mudou tudo, essa possibilidade, esse olhar para o esporte visto para além do lazer, da recreação, mas como formação, como retorno publicitário, como uma ferramenta que gerava recursos e trabalho, enfim, mudou muito, no mundo inteiro.

M.T. – O que a geração dos anos oitenta deixou para as gerações seguintes?

I.S. – Eu acho que a geração dos anos oitenta no Brasil abriu as portas, trouxe o olhar, tornou o esporte popular e isso gerou um grande legado para as gerações seguintes, sem dúvidas. Você começar uma atividade que você gosta e saber que ela tem eco, que está começando a se estruturar, que tem o interesse do público, que você está num terreno muito mais fértil. Isso faz você perceber que o esporte está muito mais propenso ao sucesso. A minha geração trouxe isso e a gente mesmo sentiu esse impacto.

M.T. – Quando você parou de jogar, em qual clube e por quê?

I.S. – Eu parei de jogar muito tarde, eu joguei mais do que eu tivesse imaginado. Acho que foi em 2000. Depois da Sadia eu joguei no Dayvity, na Itália, no Japão. Eu joguei até quase os quarenta anos. O último talvez tenha sido o Macaé, o primeiro ano da equipe de Macaé, mas eu não tenho certeza.

M.T. – Como foi a decisão de parar de jogar?

I.S. – Eu nunca ensaiei não: “Vou parar, não vou parar”. Eu fui parando. Chegou uma hora que o meu corpo... Na verdade, eu senti muito pouco a coisa física, mas eu entrei no lugar de alguém e outras jogadoras foram surgindo para jogar no meu lugar. Além disso, não tinha clube no Rio de Janeiro naquela época e eu fui perdendo o interesse, então para jogar eu teria que sair do Rio de Janeiro e os meus filhos estudando, então eu fui parando. Aí eu resolvi virar técnica, do Vasco. Foi quando eu parei, para virar técnica. Aí eu conversei com o Bernardo, porque o Bernardinho já era técnico e é uma pessoa que eu tenho uma relação boa, confio e tudo mais e ele foi muito legal comigo e me disse: “Olha, Isabel, eu não vejo porque não, não tem mistério nenhum, vai à luta, só cuidado com isso”. Me deu alguns toques que foram muito importantes e eu tentei não perder o olhar para aquelas coisas que ele tinha me falado. E até hoje eu lembro alguns desses toques. Aí virei técnica. Fui técnica do Vasco, depois do Flamengo. Eram grandes jogadoras que eu estava dirigindo. Eram times de muitas estrelas e isso é difícil, isso é chato, complicado, cansativo e estressante e aí eu percebi que não queria aquilo para a minha vida, eu não adorava aquilo. Aí surgiu a possibilidade de treinar as minhas filhas e me interessou muito mais. Eu achei muito mais divertido, muito mais estimulante, era um trabalho mais artesanal, elas estavam começando, eram muito novinhas, então eu podia dar uma força para elas no sentido delas contarem com uma técnica que ia se dedicar, que gostava daquilo, enfim, treinei as meninas por cinco anos e depois parei de treinar. De repente todas perceberam que seria interessante elas terem outra visão, outra voz, outra informação. Fiquei cinco anos afastada delas e muito presente como mãe, indo às competições, torcendo como qualquer mãe, até que no início desse ano elas me chamaram para voltar. Eu fiquei meio reticente no começo sem saber se seria uma boa, mas logo percebi que poderia ser uma coisa interessante para nós três. Então, estou com as meninas, a gente está indo para a quinta etapa agora e o nosso objetivo é tentar uma vaga para a Olimpíada, como outros times que têm o mesmo objetivo nosso e vamos lá para ver o que acontece.

M.T. – Como foi a transição a partir do momento que você decidiu parar de jogar?

I.S. – Não teve isso eu não fiquei ensaiando. Primeiro eu joguei muito tempo, depois me tornei técnica no ano seguinte. Não tive tempo para pensar, foi uma conjunção de fatores. Por acaso, meu filhos resolveram ser jogadores de vôlei, eu não catequizeei ninguém para isso. Aí a minha vida continuou dentro do vôlei. Eu tenho saudade da minha vida como atleta? Tenho,

tenho saudade porque era emocionante, aquela emoção que você sente como jogadora, mas foi, a vida segue e acabou.

M.T. – Você sente saudades da época em que jogava?

I.S. – Tenho saudade da emoção, mas hoje eu confesso que também é muito emocionante você ensinar alguém, quando você consegue... Mas é diferente, é totalmente diferente a emoção.

M.T. – O que mudou na sua vida depois de você ter parado de jogar?

I.S. – Ah, mudou muita coisa. Eu tinha uma rotina diferente, tinha uma bajulação que rola quando você joga que muda, mas a vida é isso. Eu entrei no lugar de alguém sabendo que o esporte é uma atividade de curta duração. Joguei mais do que eu esperava e joguei mais do que qualquer um esperava [risos]. Então eu saí totalmente no lucro. Hoje não combina uma atividade física, que demanda vigor, músculo, explosão. Isso é coisa de jovem, sabe? Eu tenho 54 anos, não combina, não dá mais para eu fazer. Eu acho bonito as pessoas fazerem uma coisa que não dá mais para eu fazer, mas dá para fazer outras. A velhice tem ganhos e perdas. As perdas são evidentes e os ganhos também são, quando você tem a capacidade de perceber a paciência, um olhar diferente que a idade te dá e que é legal também. E tem as perdas naturais. Eu estou envelhecendo como qualquer um que está vivo.

M.T. – Em qual momento da sua vida você foi mais feliz, quando você jogava ou depois de ter parado de jogar?

I.S. – Ah, não existe isso, não existe. Eu fui feliz quando tive filho, eu fui feliz jogando, eu fui feliz casando, fui feliz mergulhando na praia, não tem essa. Sou feliz, sou feliz agora.

M.T. – Você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois de ter parado de jogar?

I.S. – Fui técnica de voleibol e hoje sou técnica das minhas filhas no voleibol de praia.

M.T. – Qual a sua ocupação hoje em dia?

I.S. – Sou técnica das minhas filhas e isso me toma muito tempo.

M.T. – O que o voleibol significa para você?

I.S. – O voleibol para mim significa muita coisa. Foi a atividade que eu fiz e faço e ele se confunde com a minha vida porque eu desde muito cedo comecei a jogar e o fato dos meus filhos jogarem acabou acontecendo de uma forma curiosa que eu não esperava de me manter também dentro do vôlei. Essa ligação com o vôlei se dá muito por conta deles e o voleibol representa muita coisa, representa tudo que eu te falei, alegria, tristeza, diversão, eu gosto de estar ali, sabe? Mas, quando acaba eu também quero ir embora. Eu não gosto de ficar falando de vôlei. Eu gosto de conversar com os meus filhos sobre voleibol, mas eu não gosto de ir para ginásio, eu não vou ver jogo, eu não tenho saco. Não gosto de sair de casa, não gosto de gente, de “muvuca”, eu sou chata. Os jogos de voleibol são cheios e isso me cansa um pouco. Então, já bastam os torneios de praia.

M.T. – Qual foi o principal legado que o voleibol deixou para a sua vida?

I.S. – Ah, foi ter me emocionado tanto com uma atividade. O vôlei é uma coisa divertida, legal. Eu gosto de participar de uma equipe... O maior legado é esse, é me emocionar até hoje com essa atividade.

M.T. – Você gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas que a gente abordou.

I.S. – Não, eu acho que o grande lance do esporte, o grande barato é que você não explica muito, né? É muito legal você entrar em campo, você torcer, você eleger um time para torcer. É engraçado como isso mobiliza as pessoas, mobiliza a gente, apesar de ser só um jogo, uma bola, mas isso mexe com a paixão, mexe com sentimentos que são tão legais e que ao mesmo tempo continuam ali, presentes. Isso é muito legal, é muito emocionante mesmo você estar em campo.

[FINAL DA ENTREVISTA]